

VALLADARES, Saturnino. *Vaga-lumes ao meio-dia* [*Luciérnagas al mediodía*]. Tradução e apresentação de Tenório Telles. Manaus: Editora Valer, 2020.

Thalissa Mestâncio Damaceno¹

Poeta, ensaísta e tradutor espanhol, Saturnino Valladares (Lugo, 1978) é autor de cinco poemários: *Las almendras amargas*, *Cenizas*, *Secretos del fénix*, *Los días azules* e o mais recente *Vaga-lumes ao meio-dia* / *Luciérnagas al mediodía*, obra lançada em solo brasileiro, em edição bilíngue espanhol/português, em dezembro de 2020. Convém destacar que a apresentação e a tradução do espanhol para o português ficaram a cargo do escritor Tenório Telles.

Valladares contribui com revistas literárias no Brasil e na Espanha publicando artigos anualmente. Atualmente, é professor na Universidade Federal do Amazonas e ministra aulas de literatura na Graduação e no Mestrado em Letras.

Vaga-lumes ao meio-dia está organizado em três grandes seções – “Os dias com Lucía / *Los días con Lucía*”, “Os dias sem Lucía / *Los días sin Lucía*” e “Depois de Lucía / *Después de Lucía*” –, precedidas por um breve poema intitulado “Memória”, que prenuncia que esta obra nasceu das memórias: “Levanto en las palmas de las manos/ la arena/ que hace años/ se escurrió entre mis dedos”. Com um título evocativo convida o leitor a lembrar de experiências outrora ouvidas, outrora vivenciadas. A memória é a capacidade que temos em voltar ao passado sem pedir licença a outrem, desse modo, ao leitor, a imagem da areia não se reduz apenas a musa que lentamente partiu, ou as lembranças que o personagem lírico conserva – ou tenta conservar. O ato de escapar entre os dedos representa o passo do tempo, a felicidade encontrada e logo perdida. Assim mesmo, o deslizar das mãos mostra que a vida e o amor encontrado, ainda que pareça estar sob controle, não é garantia de que permaneça sólido e constante, pois, quanto mais tentamos apertar entre nossos dedos, vai escapando.

No poema “*Las excusas*”, da primeira seção, podemos observar que essa “areia” não escapou imediatamente: o relacionamento teve muitos problemas e a areia tardou oito anos em terminar seu deslizamento ou o eu poético tardou oito anos para terminar em abrir sua mão.

Em relação com os membros do paratexto, convém destacar a nota do autor, que conta que *Vaga-lumes ao meio-dia* permaneceu cinco anos esperando o “meio-dia” de 2020 para enfim ser lançado: “Em 2015 terminei a primeira versão deste livro. Alguns meses antes, relendo meus poemas inéditos – uns oitenta textos de diversas temáticas

¹ Graduanda em Letras língua e literatura espanhola pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). email: thalissamestancio@ufam.edu.br.

–, percebi que havia um conjunto amplo que contava uma história de amor”. É interessante ressaltar o jogo de palavras que o autor realiza no título e nas três grandes partes da obra, fazendo uma alusão brilhante com a presença de Lucía: *Luciérnagas* (em espanhol, e vaga-lumes em português). Todavia, aparece no título de alguns poemas, como “Luciérnagas al mediodía” – “[...] y solo y sin rencor, casi inocente, / cerraré con mis dedos amarillos / los ojos inertes de una luciérnaga, / y todo habrá concluido, casualmente.” – ou “Luciérnagas”: “Desnudas y todavía calientes, / luciérnagas dormían en mi espalda / su noche en la mañana sorprendida.”

No poema que dá título ao livro, “Vaga-lumes ao meio-dia/*Luciérnagas al mediodía*”, encontramos o que Octavio Paz definiu em seu livro *A dupla chama: amor e erotismo* como “fusão de ver e crer”. A primeira estrofe nos dá a imagem do personagem lírico recriando memórias, porém já não existe ternura, nem lágrimas: “No tocamos, más allá de nosotros, / más que el ancho que no ocupamos juntos”. A última estrofe do poema – “y aunque esté solo y pensando en la, / aunque confunda el tiempo y el espacio/ de los dos juntos y a solas” – mostra que a poesia de Valladares alcança e faz “tocar o impalpável”, confunde a memória do que um dia aconteceu com a lembrança criada, pois o “espaço” é preenchido por duas pessoas que não estão ali em um “sonho / prolongado, que convida a sonhar / o desígnio de outra vida possível”. Octavio Paz escreveu que “tanto nos sonhos como no ato sexual abraçamos fantasmas. [...] precisamente no momento mais intenso do abraço, dispersam-se em uma cascata de sensações que, por sua vez, dissipam-se” (PAZ, 1994, p. 11). É importante dizer que este poema é parte da segunda seção deste livro. Então, a solidão, as memórias, o tempo, o espaço, o desejo de continuar a história amorosa, a reflexão sobre aqueles dias galegos e a ideia de que a vida continua estão muito presentes em “Vaga-lumes ao meio-dia”. Este poema reúne em si mesmo os principais temas deste livro.

Como assinalou o autor, em “Los días con Lucía” figuram os poemas erótico-amorosos. O eu lírico nos apresentará a paixão, o desejo e a carnalidade do encontro amoroso, onde os amantes esquecem as diferenças que, ocasionalmente, podem abalar uma relação. No primeiro poema desta seção, “El gesto de mi mano”, as mentiras são ignoradas e prevalece o orgasmo que estremece as pernas, os pensamentos e os sentidos. Lucía é o movimento de uma beleza desnuda – suas “caderas ávidas”, seus “pezones fucsia”. Portanto, desde a primeira imagem, a musa está nua e seguirá assim até que se veste em “*Puntos suspensivos*”, o poema que fecha a primeira seção:

O gesto de minha mão

Teu corpo move o gesto de minha mão,
acaricia a luz que acaricia
o contorno de teus seios, o vaivém
crispado de teus mamilos rubros.

Minha mão move na luz teus ecos,
rechaço e acolhimento de teus quadris
ávidos de conquistas íntimas:
destruição das horas e das nossas mentiras.
No teu corpo vive um animal lúcido
que sabe do desejo o que ignora
da necessidade. Eu o acarício,
me molha com a forma de teu corpo,
transforma-se num grito prolongado
e líquido de açoites e unhas
contra meu peito, estremecimento nas pernas
e nos pensamentos e nos sentidos.
Minha mão é um poema. Teu corpo,
um animal vazio que me põe
anéis nos dedos e nos lábios.
Tu ris da palavra *rio*
com um peixe na boca. Assim moves
o gesto da minha mão, assim és
quando estás comigo e estamos juntos.

El gesto de mi mano

*Tu cuerpo mueve el gesto de mi mano,
acaricia la luz que acaricia
el perfil de tus pechos, el vaivén
altísimo de tus pezones fucsia.
Mi mano mueve en la luz tus ecos,
rechazo y elección de tus caderas
ávidas de lejanías locales:
destrucción de las horas y de nuestras mentiras.
En tu cuerpo habita un animal lúcido
que sabe del deseo lo que ignora
de la necesidad. Lo acaricio,
me moja con la forma de tu cuerpo,
se transforma en un grito prolongado
y líquido de látigos y uñas
contra mi pecho, temblor en las piernas
y en las razones y en los sentidos.
Mi mano es un poema. Tu cuerpo,
un animal vacío que me pone
anillos en los dedos y los labios.

Tú te ríes de la palabra río
con un pez en la boca. Así mueves
el gesto de mi mano, así eres
cuando estás conmigo y estamos juntos.*

É evidente que a voz lírica encontra na poesia formas de reescrever o que não aconteceu, cria memórias e acrescenta dois pontos onde deveria ser ponto final. Em “Puntos suspensivos”, temos a menção a Jaime Gil de Biedma, poeta que escreveu: “Yo creía que quería ser poeta, pero en el fondo quería ser poema”. A musa, como Jaime Gil de Biedma, também queria ser poema, queria ser motivo poético. Porém, com o término da relação, o eu lírico, que a tomava como “origem”, nos revela que ela foi “abandonando sua vocação de musa” e, como sabemos que os versos sobre Lucía não cessam com este poema, é evidente que ainda que ela tenha partido, o personagem lírico não a substitui e ela permanece em seu posto com um ponto final, ao que o personagem lírico adiciona dois pontos a mais em forma de esperança. Nas reticências reside a esperança a que seja apenas mais uma de suas idas e vindas:

Reticências

Como Jaime, queria ser poema
a tinta tostada das suas pupilas
escrevia no branco dos meus olhos.
Abraçei-a como se fosse o princípio,
além dos limites do ar,
inalcançável interior de tão próxima.
Eu a busquei e ela me encontrou nas linhas
tortas do papel e dos sentidos,
em hendecassílabos impróprios.
Verso a verso, sua vocação de musa
foi se esboroando. Vestiu suas meias de liga,
calçou seus saltos e pendurou
sua lembrança, quiçá mais formosa,
num ponto final, ao qual adiciono
dois pontos de esperança neste poema.

Puntos suspensivos

*Como Jaime, quería ser poema:
la tinta tostada de sus pupilas
escribía en el blanco de mis ojos.
La abracé como si fuera origen,
más allá de los límites del aire,
inalcanzable interior de tan próxima.
La busqué y me encontró en renglones
torcidos del papel y los sentidos,
en endecasílabos importunos.
Verso a verso, su vocación de musa
fue abandonando. Vistió sus medias,
se puso los tacones y colgó
su recuerdo, más bellissimo acaso,
en un punto final, al que le sumo dos puntos de esperanza en este poema.*

A segunda parte do livro, intitulada “Os dias sem Lucía/*Los días sin Lucía*”, trata da dor da separação. O poema que abre essa seção, “*Al tercer día*”, faz-nos lembrar de Cristo e sua ressurreição. Quando Cristo morreu uma multidão o rodeava. Ele escolheu a morte por duas principais razões: a primeira, obediência a seu Pai, o Deus; a segunda, por amor à humanidade. No poema de Valladares, a imagem que temos é de um suicida, na água com seu sangue, que olha em volta e não vê ninguém. O sujeito lírico sofre com a separação e atenta contra a vida, mas, paradoxalmente, a dor é tão intensa que “*Tan solo duele la primera gota / el corte fino que nos rompe el pulso*”. “*Al tercer día*” nos apresenta um ser que está morrendo após o abandono, se distanciando, radicalmente, do que foi “o terceiro dia” do Cristo ressuscitado:

No terceiro dia

Somente dói a primeira gota,
o corte fino que dilacera o pulso.
Em seguida, um fio rubro escorre
em linha e na água se dilui.
As paredes da banheira mancham
o cansaço e o sonho de deixar de ser.

Atravessa no horizonte um olhar,
por último, que a ninguém encontra.

Al tercer día

*Tan solo duele la primera gota,
el corte fino que nos rompe el pulso.
Luego un hilo de color se persigue
a sí mismo y en el agua se diluye.
Manchan las paredes de la bañera
el cansancio y el sueño de dejar de ser*

*Cruza el horizonte una mirada,
por último, que a nadie encuentra*

Em “Por el hecho” a imagem do suicida é novamente usada. Agora ele não sente a dor em abrir os pulsos: encontra a espada como heroína, como a salvadora deste amoroso tormento que o converte a “onipotente”. É interessante mencionar que na doutrina cristã, Deus é o detentor de todo o poder desde o nascimento até a morte, como é mencionado em Eclesiastes 3. O personagem lírico toma para si essa atribuição de qualquer que seja a decisão que tomará, ninguém além de si mesmo possuirá domínio de sua vida: “todo un dios/ de la vida y la muerte”:

Pelo fato

No pulso aberto o frescor da lâmina,
pêndulo no ar, espada heroína.

Onipotente suicida, um deus
da vida e da morte consumado!

Por el hecho

*Frescor de cuchilla en el pulso abierto,
péndulo en el aire, espada heroína.*

¡Omnipotente suicida, todo un dios
de la vida y la muerte consumado!

Portanto, a segunda seção do poemário inicia e termina com a imagem de um suicida, pois não há ainda a aceitação de que a vida deve continuar apesar dos fracassos.

A terceira parte de *Vaga-lumes ao meio-dia/Luciérnagas al mediodía* é intitulada “Depois de Lucía/*Después de Lucía*”. Valladares escreveu que esta parte expressa que “a vida continua” e que “às vezes até se pode ser feliz”. É importante ressaltar que o poema que abre essa última seção é “*Después de Lucía*”. Depois do título, não há versos: o título resulta absoluto. Lucía não está presente: o vazio e o nada podem coincidir com o “tudo”.

Em “Máscara de nadie”, Valladares cita versos do poema “Espejo” de José Ángel Valente – “¿... y quién me mira / desde este rostro, máscara de nadie?” –. Os dois poemas possuem semelhanças ao colocar o eu lírico em frente ao espelho, onde não há espaço para máscaras. A imagem propõe a verdade sobre nós mesmos, e provoca reflexões, como as que lemos no começo de “Máscara de nadie”: “Refleja el espejo rostros que no fui / o que fui y quisiera no haber sido / o que quise ser y he abandonado”. A ideia de não saber quem está diante de si mesmo apareceu em alguns poemas de Valente, e também em “Reencuentro con un desconocido”, onde o Valladares escreve: “Me mira con ojos de quien se ha ido / a un lugar sin regreso posible. / No advierte que somos. No reconoce”. Eco escreveu que os espelhos provocam a verdades, mas são incapazes de interpretar o que neles é refletido, pois são próteses neutras, por isso, precisam do olhar humano para interpretar e decodificar as imagens, a partir de então, eles captam o que olhos não veriam sem seu auxílio. (ECO, 1989 apud GOUVEIA, 2016, p. 5)

Caminhando para o final dessa história amorosa temos “El nuevo día”. A primeira estrofe nos faz perceber os sons dos pássaros e o canto dos grilos, como o cotidiano do eu lírico. A segunda estrofe traz a reflexão de como o tempo tem passado e de como as lembranças ainda perseguem ou voltam: “Cruzaba el río por un puente nuevo/ de-

trás de una luciérnaga, y besaba/ la impaciencia del fulgor en las tardes,/ la noche y su cuchillo. Mis quimeras.” O personagem lírico encontra-se voltando ao passado, sente a chegada dos anos, recorda os dias com Lucía, toda a paixão e as feridas. A última estrofe aparenta anunciar que tudo ficou no passado: “Amanezco, una vez más, al nuevo día./ ¡Qué joven está el día! ¡Qué próxima/ siempre de Manaos la primavera!”

No último poema do livro, “Las formas de mi maldad”, o eu lírico declara que errou e não pôde arrepender-se de ter vivido: “sin más tormento/ que la sístole que muerde y no mata/ y que alimento día a día cada noche”. Porém, na parte final se faz explícita a paixão no presente imediato do personagem poético: “He errado, Lucía, y no me arrepiento/ de seguir amándote con la vida”.

A resenha apresentada tomou a perspectiva autobiográfica do personagem lírico que, através da escrita esmerada de Valladares, apresenta um cosmos amoroso onde as metáforas, os símbolos e as imagens abrem espaços para diversas interpretações e múltiplas realidades e verdades. Porém, há certezas – os erros podem ser decisivos ao ponto de separar aqueles que juntos desfrutaram da felicidade – e estados recorrentes: um homem desvestido de si mesmo que, por momentos, não se reconhece, pois a solidão lhe é companheira, lhe reveste do vazio e o leva ao passado onde recria os momentos já vividos (às vezes, com finais mais felizes).

Se a memória em algum momento aprisiona, tortura e até mesmo convida a morte, a poesia cuida e devolve a esperança. Afinal, como o personagem lírico, os leitores estamos constantemente adicionando reticências onde deveria ser ponto final, ou melhor, assumimos o papel do autor e borramos o ponto final dos poemas à espera de que um dia a vida e a poesia recomeçará para o casal. Há ainda outros poemas que provocam inquietação e que se tornarão excelentes objetos de estudo para quem se interessa em poesia e erotismo, para quem sabe ler nas entrelinhas da brilhante escrita de Saturnino Valladares.

Referências

GOUVEIA, Dayse Helena Viana de Albuquerque. *Através do espelho*: fragmentos da memória em Cornelia Frente al espejo, de Silvina Ocampo, 2016, p. 5.

PAZ, Octavio. *A dupla chama*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 11-12.

